# SAUDAÇÃO A JOÃO HIPÓLITO CAMPOS DE OLIVEIRA (*)

**José Denizard Macedo**

Senhor João Hipólito Campos de Oliveira,

Esta casa do Barão de Studart, meu colega e amigo, tem as suas praxes e tradições, tão rígidas e tão severas, que sempre cumpre respeitar e acatar, porque uma sadia continuidade é sempre a melhor garantia de que se pode sobreviver ao desgaste das temporalidades e ao lento mas constante trabalho de destruição, operado pelos anos que se escoam para os mares dos séculos e para o oceano dos milênios.

É uma dessas praxes respeitáveis pelas suas cãs venerandas que me faz responsável, nesse momento solene, pelo trabalho árduo de vos saudar no portico da nobre companhia, ensejando os cumprimentos de boas vindas e feliz cooperação nos labôres e nos ideais que aqui se cultivam para glória e grandeza da cultura cearense, quiçá da nossa brasileira civilização. Em outras palavras, a circunstância eventual de ambos, lá fora, manejarmos o magistério da ciência geográfica, criando entre nós as afinidades intelectuais que derivam da liturgia comum à mesma deusa no Templo da Ciência, explica a minha presença nessa tribuna e a missão que me incumbiram.

Tarefa cheia de pedrouços que nos sangram os pés e de ventos contrários que nos jogam à deriva, desde que, em dias passados, assistíamos à magnífica recepção de Filgueiras Lima por Hugo Catunda, levada a efeito sôbre o pedestal de duas formosas e belas peças oratórias, que ainda sabem aos nossos ouvidos e ecoam na nossa memória como fragmento de atica expressão daquela "Grécia esplêndida e tranquila", a que aludia o nosso Raul de Leôni.

Tratava-se, porém, de uma justa entre artistas da palavra e do estilo, de um torneio entre inteligências donairosas e fidalgas, ricos de graça, magnificentes de verbo, pródigos esbanjadores de belas imagens e formosos conceitos, milionários da arte de bem

(*) Proferido em sessão solene do Instituto do Ceará, realizada a 20-8-1957

dizer e melhor exprimir. E não poderia ser diferente, se contarmos com a sensibilidade de punhos de renda dos nossos confrades Filgueiras e Catunda, que a todos deixou na lembrança a comparação da "guerre en dentelles" dos fidalgos batalhadores do século 18º, que cumprimentavam, antes de carregar, com os penachos brancos que passavam como meteoros por batalhas e campanhas inesquecíveis, naquele século que para Talleyrand foi sempre a expressão do supremo requinte da vida, em todos os tempos.

A nossa prosa de hoje, a minha e a vossa, será mais chã, mais burguesa e singela, por não se afeiçoar a modestos professôres de geografia o largo e altaneiro vôo do espírito a que impulsiona o fértil, fecundíssimo e requintado sôpro de uma imaginação poderosa e ativa que se prende como atributo dos poetas e prosadores, pois a bela prosa nada mais é que uma poética sem cadinhos ou moldes, como a poesia é a prosa vazada em cânones que refletem as diretrizes de uma época e de uma cultura.

Senhor João Hipólito! Se há veracidade nas velhas crenças astrológicas, que faziam o encanto dos magos da Caldéia ou dos vaticinadores medievais, seja-me permitido dizer que a data da vossa vinda ao mundo foi uma antecipada profecia do vosso destino na terra, ao menos no que tange a certos aspectos de vossa benevolente e generosa carreira. Nascestes em nossa Imperial Cidade de Fortaleza da Nova Bragança, para gáudio dos vossos honrados progenitores Antônio Rodrigues de Oliveira e Dª Olga Campos de Oliveira, numa têrça-feira, 15 de maio de 1917, quando pelo mundo lavrava o vulcão da primeira Grande Guerra, espalhando lavas, cinzas e lutos pela velha Europa.

Ora, meu novel colega, 15 de maio, na liturgia católica, é a data festiva de São João Batista de la Salle, o sábio e piedoso fundador do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, que, impressionado com a decadência da educação, em sua época, procurou formar professôres capazes de elevar e dignificar o exercício do magistério, sendo assim o pioneiro do ensino normal ou pedagógico no Ocidente. A vossa efeméride natalícia prenunciava a vossa destinação de professor íntegro, abalizado e digno do múnus altíssimo de forjador de gerações e gerações de adolescentes, a par de vossa fidelidade à filosofia e à crença daquele cuja festa assinala também o dia do professor católico no mundo da cristandade.

Não pára aí, porém, o conteúdo preconizador do vosso natal. Também foi num 15 de maio de 1891 que o grande papa Leão XIII endereçou à orbe cristã a sua famosa encíclica "Rerum Novarum", preceituando normas salutares que deveriam orientar cristãmente a solução da intrincada e famosa questão social, baseada numa caridosa compreensão dos deveres recíprocos entre os que trabalham

e os que detêm o poder do capital e dos bens de produção. Fôstes, ilustre confrade, fiel, fidelíssimo até mesmo, aos ditames daquele notável documento, fidelidade que se revela na vossa atuação como vogal que sois do ramo social do Poder Judiciário, a Justiça do Trabalho, como pela dedicada e incansável atuação de vigilante defensor dos interêsses profissionais do professorado cearense, nas suas justas e merecidas reivindicações sociais e econômicas, nos largos limites que Leão XIII preconizou na famosa carta.

Continuemos, porém, o vosso escôrço biográfico. O vosso currículo primário foi ministrado pelo excelente Colégio Nogueira e o secundário pelo velho Liceu do Ceará, de cujos umbrais saía também êsse que vos saúda, pelos idos de 1936. Ainda quando liceísta, fôstes auxiliar de ensino do Colégio Nogueira, como seu antigo ex-aluno. Data daí uma nobre qualidade, já bem rara nos discentes de hoje, e por isso mesmo tanto mais valiosa: refiro-me à vossa comovida e fiel amizade ao vosso ex-professor Joaquim da Costa Nogueira, de quem tendes sido sempre um constante cultuador da memória respeitável daquele magnífico exemplo de educador e dedicado mestre da nossa mocidade.

Escrevendo sôbre Eduardo Prado, o mestre Eça de Queiroz referiu-se "àquele bacharelato que nos países latinos se tornou um complemento do batismo". A trilha da vida do nosso consócio não fugiria ao imperativo do meio nem dos acanhados limites da nossa vida universitária de vinte anos passados: marchou célere para um vestibular e ei-lo transpondo as portas da Salamanca tabajarina, a busca de um anel e um diploma, instrumentos indispensáveis numa nação mandarina de doutôres e bacharéis e licenciados, seja em que fôr, como chave insubstituível para abrir as portas da ascensão social e de um futuro melhor das próprias e individuais aspirações.

Nesses tempos que já se esfumam, a manutenção econômica do estudante universitário, quando não forrado pela boa mesada paterna dos melhores aquinhoados de fortuna e abastança, só registrava uma tríplice solução: o emprêgo público de meio-expediente que permitia a freqüência escolar, ou os magros tostões amealhados como professor ou repetidor, senão as migalhas que se logravam no modesto jornalismo da época, penosamente encarreirado pela banca de revisor ou repórter e, quando muito, singelo redator. Como se diz na linguagem vulgar, eram os "ganchos" em que se dependuravam os estudantes de curso superior em Fortaleza para ultimação do curso.

O recipiendário de hoje não fugiu à regra. Como acadêmico, se repartiu entre as aulas de alguns mil-réis e a redação de "O Povo", que Demócrito Rocha e Paulo Sarasate lutavam tenazmente para

transformar no grande vespertino de hoje, e onde João Hipólito chegou em algum tempo a dirigir a página literária, continuando a repartir entre o mesmo e os "Diários Associados" a sua atividade na imprensa. Ligado ao magistério, ligado à imprensa, não poderia deixar de participar dos órgãos de classe que representam as duas profissões, a Associação Cearense de Imprensa e o Sindicato dos Professôres, em cujas diretorias foi membro respeitável e acatado, já tendo representado ambas as classes em conclaves fora do Estado, tais como o Congresso de Professôres de Campina-Grande e o de Jornalistas em Goiânia.

Sua vigilante atuação como uns dos próceres de mais relêvo da nossa comum profissão de professôres credenciou-o para o cargo de juiz trabalhista, como vogal que é na Junta de Conciliação e Julgamento de Fortaleza. Seu acendrado espírito cívico fê-lo acorrer ao brado d'armas lançado à nação na última guerra, servindo nas fileiras do Exército Nacional, de onde saiu 2º Tenente da Reserva, após estágio numa das suas unidades locais, o 23º BC.

Jamais desligado do magistério, ao qual se vinculou entranhadamente, o novo confrade foi vice-presidente do Conselho Estadual de Educação e é o catedrático de Geografia do Instituto de Educação do Ceará e professor de Inglês no Liceu, o atual Colégio Estadual, língua a cujo cultivo se dedicou e maneja com fluência e vigor. Ingressando no magistério superior, uma circunstância feliz me liga por êsse fato ao nosso prezado colega, pois que ao deixar êste que vos fala a regência da cadeira de Economia Política, na Escola de Serviço Social da Universidade do Ceará, tive a grande alegria de contribuir com a minha indicação para que fôsse João Hipólito Campos de Oliveira o novo lente da disciplina, medida que foi imediatamente acolhida por aquêle estabelecimento, onde continua a prelecionar excelentes lições da ciência de Adam Smith, Sombart e Pareto.

Vinculado, porém, amoràvelmente à geografia que fêz a glória de Ratzel, La Blache e Ritter, em 1948 foi o recipiendário contemplado com um bôlsa de estudos do Conselho Nacional de Geografia, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e, em 1951, os seus predicados intelectuais proporcionaram-lhe outra excelente oportunidade por parte do Departamento de Estado Norte-Americano, seguindo para os Estados-Unidos como bolsista a freqüentar os cursos do "La Fayette College", na Pensilvânia, e na "Syracuse University", na babilônica cidade de New-York.

Felizmente, para nós, seus amigos e admiradores, João Hipólito, ao retornar dos Estados-Unidos, não trouxe em nada diminuída a sua brasilidade e outra cousa não poderíamos esperar de um espírito culto, sereno e equilibrado, que só pode se empolgar pelo que

merece admiração e conserva suas reservas no que faz jus a uma crítica serena e sensata. Não voltou falando português com sotaque, exaltando com abundância adjetivadora as cousas do Tio Sam, mas não deixou de registrar na sua mente o que de grande ou de notável viu por lá, como também o que haveria a reprovar ou exprobar.

Quando digo que o nosso recipiendário manteve a sua brasilidade, de maneira alguma estou a desfigurá-lo num dêsses energúmenos da xenofobia, do chauvinismo, do falso nacionalismo, que investe contra tôda forma de sadia cooperação, especialmente econômica, esquecidos de que a verdadeira ameaça contra a soberania de um povo reside mais no enfraquecimento de suas características culturais próprias e no danoso autarquismo econômico. Estamos mais ameaçados de perecer pela conquista cultural que pela conquista ou pelas influências de ordem política e econômica. Que valeu a hegemonia política e econômica de Roma sôbre a Grécia, da Inglaterra sôbre a França atual? Grécia sobreviveu à Roma, pelo milagre da Cultura, cêrca de 10 séculos, no helenizado Império Bizantino, como a França atravessará sempre impávida, pela soberba riqueza do seu patrimônio cultural, todo e qualquer avassalamento estrangeiro. O nacionalismo político e econômico, a brasilidade política e econômica só adquire conteúdo e forma, só se configuram num sistema quando refletem a realidade mais profunda do nacionalismo cultural, da brasilidade cultural, da conservação e fidelidade aos ideais e aos valores da nossa nacionalidade, diversa, diferente, em tudo por tudo, das demais nações da América, num respeito salutar pela personalidade dos grupos nacionais que é, em última análise, uma projeção da própria personalidade humana, e como tal — ensina-nos o verdadeiro humanismo — digna de todo acatamento e consideração.

Fidelidade às peculiaridades de sua Pátria, eis como defino a posição do nosso emérito consócio no longo contacto que manteve nos meios universitários da terra de Washington e Lincoln, resumindo nisto a sua brasilidade de bom cearense, de bom *cabeça-chata* da terra alencarina.

Senhor João Hipólito! É chegado o instante de fixar o sentido da vossa escolha para o nosso sodalício e dar a medida da atitude daqueles que buscaram a vossa companhia, na vossa eleição. Nesse lar das nossas afinidades intelectuais, que é o Instituto do Ceará, o altar doméstico consagra uma trindade científica: a história, a geografia, a antropologia do Ceará.

A deusa maior sempre, por contingências várias, tem sido a história, relegadas as demais ao papel de deusas secundárias, a cujo serviço ritual acorrem raros e velados sacerdotes. Eu mesmo, que vos falo, confesso à puridade o meu pecado: professor de geogra-

fia por profissão, tendo legitimamente convolado núpcias com a ciência sizuda de Martonne ou Jean Brunhes, não me pejo do conúbio amorável e delicioso com essa antiga mas sempre jovem amante que é a ciência de Heródoto, agradável e divina dama que tem feito as delícias e o enlêvo de tantos Quixotes através dos tempos, pegureiros que erram pelos múltiplos e ínvios caminhos do humano conhecimento. Em suma, geógrafo por obrigação e profissão, mas da história por amor e devoção.

Vós, próprio, não fugistes ao imperativo dessa sedução. É certo que mimoseastes as letras provincianas com essa excelente coletânea da "Geografia Poética do Ceará", mas fizestes história e literatura com as "Reminiscências Escolares" e as "Efémerides', tôdas de vossa lavra e estampadas na imprensa da terra alencarina.

Os atrativos magnéticos dessa sereia que é a História não invalidam, porém, o mister que temos nessa casa; que novas ondas de incenso, de mirra e ouro se ergam em novos turíbulos às deusas menores da antropologia e da geografia cearenses, enriquecendo o nosso conjunto por mais variadas vozes, capazes de soprar ou dedilhar alguns instrumentos culturais que o abandono está cobrindo pela pátina dos anos nessa casa semi-secular.

Perante inteligências selecionadas e esclarecidas é redundante insistir nessa diretrzi, pelo que ela contém de fecunda e rica significação para a vida da província e da Pátria. Basta lembrar que vivemos numa sociedade onde as tendências intelectuais e políticas das suas elites supostas ou postiças, com raras e honrosas exceções, cujo exemplo mais luminoso se chamou em vida Francisco José de OLIVEIRA VIANA, o eminente sociólogo fluminense, contrariam frontalmente o conjunto das nossas realidades específicas, fornecidas pela história, a geografia, a antropologia social do Brasil, vivendo êsse falso escol vinculado a mitos e sonhos sem raízes na verdade nacional.

Eis por que jamais será demasiado insistir com reiterada e abundante argumentação no incremento dos nossos estudos sócio-antropológicos e geográficos, especialmente os que se referem à ordem antropogeográfica, pelo que de substancioso e judicioso êles podem fornecer à análise serena e honesta da nossa própria realidade nacional, capazes assim de inspirar uma política consentâna e objetiva, que não nos conduza aos 150 anos de desencontro e desajuste que caracterizam a história do Brasil independente, recompondo o equilíbrio entre a ordem legal e a ordem social do país, entre a sua ordem jurídica e política e as suas realidades culturais e geográficas, graças a cujo menosprêzo é que temos rolado de crise em crise sucessivas até o presente momento.

O nosso brilhante consócio Valdery Uchoa, dias passados, em

seu ilustrado discurso de posse, chamáva-nos a preciosa atenção para a premência do problema, ainda a merecer o nosso aprêço e boa vontade. Após relacionar a nossa escassa bibliografia geográfica, em que avultam os trabalhos dos vários Pompeus que honraram a cultura cearense, inclusive o nosso preclaro Presidente perpétuo; tendo assinalado que no Ceará "há material farto, abundante, interessantíssimo para as pesquisas de ordem antropogeográfica", Valdery Uchoa termina por nos convidar a uma tarefa altamente sedutora, qual a de lançar o plano da geografia geral do Ceará, dando ênfase singular à parte econômica, por ser "a mais reclamada para os nossos destinos", com o que concordamos em gênero, número e grau.

Com efeito, a área para as pesquisas de campo é imensa no nosso Estado, no que tange àqueles *fatos essenciais* da humanização da paisagem a que aludia o geógrafo francês JEAN BRUNHES. Não quero sequer fazer alusão à nossa geografia física, à formação geológica, à morfologia do relêvo, ao conjunto climático, à hidrografia, à morfologia litorânea, à natureza dos solos, às passagens botânicas e província faunística, cujos estudos já foram feitos em escala mais aprofundada embora ainda insuficientes para o desejado conhecimento que devemos ter da nossa terra, inclusive a sua representação cartográfica mais minuciosa e especializada do que o já possuído.

Contento-me em ter presente no espírito, nesse instante, a variada gama dos nossos fenômenos antropogeográficos: que sabemos nós sôbre as nossas paisagens culturais? Qual o intercâmbio das diversas áreas culturais dos vaqueiros, dos jangadeiros, das serras e vales férteis predominantemente agrários? Até onde podemos configurar o perfil do cearense em sua biotipologia, seu dinâmo humoral e fisionomia psíquica em função do ambiente geográfico? E os seus gêneros de vida? Qual a sua plasticidade nos problemas de adaptação, quer sejam os de aclimatação como os de aculturação? Como se processaram os delineamentos da nossa colonização povoadora, quais os seus fatôres atrativos e propulsivos? E o ecúmeno cearense, como precisar geográficamente a sua distribuição demográfica e os seus movimentos vegetativos e migracionais, além de caracterizar a dispersão e a concentração dos seus *habitats*, quer urbanos como rurais, problema que abrangerá também os da habitação, da casa, como sinal primário da humanização da paisagem.

Não param aí, porém, as indagações que cumprem responder. Que sabemos sôbre o meio geográfico e a mestiçagem das nossas populações, os tipos de alimentação, influenciadores dos seus índices biotipológicos; as peculiaridades de suas crenças mestiças e do seu linguajar à luz do ambiente que a natureza nos proporcionou; as correlações geográficas com o nucleamento social e a estrutura

político-administrativa, incluindo as anomalias do banditismo e do fanatismo, ainda vicejantes em eras não recuadas. E se derivarmos para o campo econômico, multiplicam-se as interrogações no que tangem às possibilidades de recursos minerais e de fontes de energia, da extração vegetal na zona das caatingas, os problemas de solo, de açudagem e irrigação, do tipo de exploração e do regímen das propriedades, da pecuária e das pastagens, da pesca, da industrialização, dos meios de transportes e vias de comunicação, dos mercados distribuidores e coletores, consumidores e fornecedores, tudo isto à base das pesquisas feitas nos moldes da moderna geografia humana, tão vasta e tão universal nas fronteiras do seu conhecimento e do seu objeto formal.

Os nossos olhos nativos quase sempre pousam sem interêsse sôbre as realidades adjacentes, tão integradas se acham elas no nosso psiquismo, pelo contacto diturno com a terra do berço. Basta entretanto que por ela perpasse o estrangeiro, para que sejamos surpreendidos com trabalhos e observações altamente valiosas, até então inteiramente invisíveis à acanhada capacidade observadora de filhos da terra. Para tanto, acode-me à memória como exemplo o trabalho do geógrafo francês AUBERT DE LA RUE sôbre as cêrcas rurais nos sertões nordestinos, no 18º Congresso Internacional de Geografia, do qual tive a honra de participar. Anos a fio, estávamos vendo as humildes cêrcas sertanejas. Foi mister, entretanto, que um estrangeiro em rápida passagem por aqui fixasse o problema em excelente e circunstanciada monografia.

É certo que às vêzes, quase intuitivamente, a inteligência provinciana lavra o seu tento no campo da observação direta. João Brígido, por exemplo, se a par de sua magnífica cultura humanística fôsse forrado de uma boa cultura científica, não teria sido apenas o que foi. O historiador inseguro ter-se-ia convertido em um sólido intérprete da nossa realidade social, o pioneiro da sociologia cearense. Basta ver como os seus trabalhos se pontilham vivamente de observações de cunho sociológico, entre as quais assinalemos aquela em que, à semelhança de SARMIENTO no "Facundo" em relação à sociedade platina, êle aponta o manejo do gado e o pastoreio como responsáveis pela barbaridade dos nossos costumes sertanejos, tantas vêzes cruéis e sanguinolentos.

Senhor João Hipólito! Não vos é desconhecido como homem de espírito a lenda do sentinela de Pompéia, que se deixou tragar, impávido e indiferente, sem abandonar seu pôsto de vigilância, pelas ondas fumegantes de lavas despenhadas pela erupção grandiosa do Vesúvio. Existe muito dêsse conteúdo espiritual no nosso Instituto: as procelosas cousas do mundo morrem no seu limiar, indiferentes ao que não seja um vetor de permanência e continuidade

e para quem o tempo não conta pela serena perspectiva que temos na destinação dos nossos esforços e na missão que nos incumbe realizar. Há muito entre nós daquele estado d'alma que refere MACHADO DE ASSIS em "O velho Senado". A vitaliciedade da companhia concede-nos "uma consciência de duração perpétua", dotados de "uma feição particular, metade militante, metade triunfante, um pouco de homens, outro pouco de instituição", que se mesclam indissolùvelmente na plasmação da nossa convivência, desde que estamos fadados a vivermos juntos por longos e numerosos anos, mercê de Deus e das Parcas sombrias.

Nada mais natural eis que para nossa alegria sabermos que para a longa jornada se aprestou um novo e excelente companheiro, amável e bom, cordato e generoso, mas decidido e alerta para conosco compartilhar à sombra dos pousos a água cristalina do saber, da erudição e da cultura, como compartir o pão do espírito e da boa e sadia inteligência.

Sêde bem-vindo, pois, senhor João Hipólito Campos de Oliveira, ao nosso plácido convívio e à nossa sincera amizade!